

FUTEBOL: DE MANIFESTAÇÃO POPULAR À MANIFESTAÇÃO DO POVO

IGOR MOREIRA DIAS PEREIRA¹
TEÓFILO ANTONIO MÁXIMO PIMENTA
DALVA AZEVEDO DE GOIS¹

Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo (SP), Brasil¹
rolucig@yahoo.com.br

Introdução

Diz um ditado que no Brasil só existem três coisas sérias: a cachaça, o jogo do bicho e o futebol.

Roberto DaMatta

Na segunda quinzena do mês de junho de 2013, realizou-se a Copa das Confederações no Brasil, evento-teste para a Copa do Mundo. Paralelamente, emergiram protestos de milhares de brasileiros que se revoltaram com o abuso de poder, a irresponsabilidade e a falta de prioridade com os gastos do dinheiro público.

Até o início da Copa das Confederações, o governo federal já havia gasto cerca de 28 bilhões de reais, tendo previsão de gastar mais 5 bilhões de reais, perfazendo um total de 33 bilhões de reais, apesar de o governo, no início desse processo, enfatizar em seu discurso que não investiria nenhum real com obras para esses eventos, que todo o dinheiro seria da iniciativa privada.

A grande questão que se coloca para a população brasileira e que se expressa por meio dos manifestantes são os gastos abusivos com esse evento, enquanto setores fundamentais do Brasil, como saúde e educação, vivem condições muito precárias. Esse texto abordará o futebol como produto transformado em espetáculo esportivo, buscando compreender como uma importante expressão cultural brasileira pode estar no meio desse “fogo cruzado” entre investimentos públicos e prioridades do país. Talvez se possa dizer que, se para Marx a religião é o ópio do povo, para muitos sócio-históricos o futebol também desempenha essa função anestesiadora.

Para realizar nossa abordagem, partiremos da discussão de acontecimentos recentes que envolvem o país, especialmente as manifestações populares que tomaram conta do Brasil a partir de junho do corrente ano e que estavam associadas à Copa das Confederações.

Manifestações populares

Em junho de 2013, após o governo do estado de São Paulo e a prefeitura de sua capital anunciarem o reajuste das passagens de ônibus, trens e metrô, emergiu, liderada pelo Movimento Passe Livre (MPL), uma das maiores manifestações populares do país. Inicialmente, via-se um grupo pequeno de participantes, composto praticamente por estudantes e integrantes do MPL, e com a reivindicação focada no valor das passagens. Percebia-se também uma tendência dos meios de comunicação em induzir na população o entendimento de que os estudantes e os integrantes do MPL eram todos baderneiros. Outro ponto de destaque nesse primeiro momento foi o excessivo uso da violência pela polícia, que buscava com essas ações tentar conter e controlar as manifestações e restabelecer a ordem.

Em relação a essa lógica de controle, que tem base em uma ideologia burguesa que visa manter a ordem e fazer crer que o “povo” é que está violando o Estado, o filósofo brasileiro Vladimir Safatle (2012, p. 46) escreve que “muitos gostam de dizer que, no interior da democracia, toda forma de violação contra o Estado de Direito é inaceitável”. E continua: “costuma-se dizer que uma das maiores astúcias do diabo é nos convencer de que ele não existe. Uma das maiores astúcias do discurso conservador é nos convencer, diante de dados

da natureza, de que conflito de classe é um delírio da esquerda centenária” (SAFATLE, 2012, p. 26).

Porém, as manifestações tomaram uma enorme proporção e se espalharam por várias capitais, como Rio de Janeiro, Natal e Porto Alegre, entre outras. Em São Paulo, a polícia militar novamente se exacerbou em sua violência contra os manifestantes, com um agravante: atingiu a imprensa. Esse fato concorreu para que os veículos de comunicação em massa mudassem seus discursos, concedendo certa legitimidade às manifestações.

É possível que essa mudança de posicionamento dos meios de comunicação, junto com a utilização, pelos próprios manifestantes, de várias ferramentas tecnológicas de captação e transmissão de notícias, representadas sobretudo pelas redes sociais, em especial o *Facebook*, tenham criado um novo cenário e desencadeado a emergência de alternativas. Nesse sentido, Vladimir Safatle (2012, p. 19) refere que:

[...] quando a força crítica do pensamento começa a agir, então todas as respostas começam a ser possíveis, alternativas novas começam a aparecer na mesa. Nesses momentos, é como se o espectro das possibilidades aumentasse, uma vez que, para que novas propostas apareçam, é necessário que saibamos, afinal de contas, quais são os verdadeiros problemas. E talvez devamos colocar novamente esta questão simples: para uma perspectiva de esquerda, quais são os verdadeiros problemas?

As reivindicações que provocaram as primeiras manifestações foram contempladas com o anúncio da redução das tarifas do transporte público feito pelo governador do estado e pelo prefeito da cidade de São Paulo, ambos enfatizando, contudo, que essa medida traria prejuízo para outros setores, como saúde e a educação.

Com esse anúncio das autoridades, a população conseguiu parte de seu objetivo, mas o país continuou “inflamado” e os protestos prosseguiram, agora de forma ampliada, pois passaram a abordar outros pontos de suma importância para o Brasil. Entraram em pauta nas discussões assuntos como educação, saúde, mobilidade urbana, segurança pública, PEC 37, corrupção, a Copa das Confederações e a Copa do Mundo. A análise se centrará nesses dois últimos temas, por constituírem o foco desse artigo.

Copa das Confederações e Copa do Mundo

Para sediar esses eventos, o governo do Brasil definiu a construção ou reforma de vários estádios, existindo, contudo, muitas questões ainda pendentes. O que tem sido divulgado é que, com exceção do estádio do time do Corinthians, em Itaquera, zona leste da cidade de São Paulo, todos os outros 11 estádios que sediarão ou sediaram esses eventos têm problemas relativos ao cumprimento do prazo de entrega. Quanto aos valores, a Arena Corinthians está dentro de seu orçamento inicial, o Castelão em Fortaleza e a Arena Pernambuco em Recife tiveram valores mais baixos que o orçado, porém os outros estádios têm estimativa de gastos que ultrapassam muito as quantias financeiras previstas em seus projetos iniciais¹.

O discurso dos governantes, no momento em o Brasil conquistou o direito de sediar esses jogos, era que os dois eventos deixariam um grande legado para o país, como uma melhor mobilidade urbana, mas, nesse sentido, ainda não há projetos concretizados. E não faltam críticas a essa “empreitada” brasileira, entre as quais fazemos referência à do jornalista esportivo Juca Kfourri, no artigo “A Copa do Mundo no Brasil”, publicado no jornal *Folha de*

¹ Para maior informação ver: **Gastos públicos com os estádios da Copa já passam de R\$ 8,5 bilhões e geram ainda mais protestos no Brasil**. Disponível no site: http://www.lancenet.com.br/copa-do-mundo/estadios-Copa-governo-populacao-brasileira_0_940705956.html.

S. Paulo em 2 de outubro de 2006, que já denunciava o absurdo que seriam as construções dos estádios para as Copas.

Ressalte-se que grandes estádios construídos com erário público, em regiões que não têm times de futebol importantes no cenário nacional, podem se transformar em estádios “elefantes brancos”. Além disso, o futebol, que é a principal manifestação popular, agora está fora do alcance do “povo”, pois os ingressos para os jogos têm preços abusivos, elitizando a prática culturalmente enraizada na população de ir aos estádios assistir aos jogos de seus times ou aos grandes campeonatos.

A essas questões devem ser somadas as que dizem respeito à *Federation International Football Association* (FIFA), entidade máxima do futebol mundial, uma empresa privada que visa o lucro e que se dá o direito de mudar regras já existentes no país, com a tácita aceitação dos governantes. Exemplo disso é, por definição da FIFA, a liberação de bebidas alcoólicas dentro dos estádios, ou o cumprimento do chamado “raio de segurança”, que é o isolamento em torno dos estádios em dias de jogos em um raio de 2 km, além de impingir restrições de mobilidade a moradores locais que vivem no entorno desses estádios.

Cabe também mencionar que as desapropriações feitas para a realização de obras afetaram principalmente pessoas de camadas populares. Das análises divulgadas nos meios de comunicação, pode-se deduzir que essas obras, definidas conforme interesses da FIFA ou de áreas do governo, configuram-se mais como construções que visam interesses particulares do que como legados a serem deixados para o país.

A prevalência do interesse particular em detrimento do interesse coletivo, própria do neoliberalismo, foi um dos elementos motivadores das manifestações. A população entendeu que esses eventos não eram prioridade para o país e atendiam, sobretudo, a uma minoria detentora do poder que vislumbrou que sediar a Copa do Mundo seria uma grande fonte de riqueza.

As manifestações ainda estão ocorrendo, abordando várias questões, inclusive as relativas aos eventos esportivos discutidos aqui, porém agora com menor participação popular. Essas manifestações tiveram certa repercussão internacional, posto que a imprensa dos países que acompanharam a Copa das Confederações noticiou também os protestos. Assim, a Copa das Confederações ficou também conhecida como a Copa das Manifestações.

Mas, a questão que fica é: As manifestações são contra esse futebol globalizado, ou contra o futebol que expressa uma paixão nacional? O que se pode depreender é que o dinheiro público gasto com as construções de estádios para as Copas instigou a população a se manifestar, e que comentários como o de Ronaldo Fenômeno, de que “copa do mundo se faz com estádios e não com hospitais, amigo”, vieram à tona e tiveram grande repercussão pelo país.

Futebol como manifestação popular

Para Nelson Rodrigues, o Brasil é a “pátria em chuteiras”. Essa definição é dada por tudo que o futebol representa para o povo brasileiro, e também porque, com as conquistas no campo esportivo, em especial as copas do mundo, “deixamos o complexo de vira-latas”. Muitos dizem que o futebol é a “paixão nacional”. Para o antropólogo Roberto Da Matta (2006, p. 157), o Brasil reinterpretou o futebol: “O fato é que esse jogo britânico do 'pé na bola' foi reinterpretado no Brasil como a arte da 'bola no pé', o que mudou tudo”. E Murad (1994, p. 16), em um tom poético, diz que “a bola é o símbolo do universo e a circunferência, a forma geométrica perfeita”. Já Azambuja (2012, p. 249), refere que “o futebol é provavelmente o esporte mais praticado e o mais popular no mundo”.

Essas são definições que nos remetem a um futebol como manifestação popular, alegria do povo, que desde sua chegada ao país, em 1894, trazido pelo inglês Charles Müller, tornou-se indispensável para a vida de muitos brasileiros, principalmente depois de sua massificação. O futebol chegou ao país elitizado, pois o esporte veio da Inglaterra, conforme descreve Da Matta:

[...] Inglaterra, é preciso repisar, que dominava o mundo e que trazia no bojo de sua potencialidade social a indústria a ciência, o progresso, as práticas e esses intrigante football. [...] Todos esses dons de sucesso faziam com que, no início do século passado no momento de sua aparição no cenário brasileiro, o futebol fosse um jogo de elite. “Um ‘esporte’ praticado por jovens brancos estrangeirados, filhos de industriais que a ele se ligaram na Inglaterra, onde tinham ido a estudo ou negócios” (DA MATTA, 2006, p. 138).

Porém, no Brasil e em muitos países, popularizou-se, a ponto de Helal (1990) e Murad (1994) dizerem, para se entender o tamanho da popularidade desse esporte, que a FIFA tem mais países afiliados do que a Organização das Nações Unidas (ONU). E “em pesquisa realizada pela ONU em 1991, para saber quais eram os nomes e marcas mais conhecidas na época, o resultado em ordem decrescente foi: Papa, Coca-Cola e Pelé” (MURAD, 1994, p. 18).

O futebol é, assim, muito mais do que apenas um jogo, ou um esporte; ele tem uma grande representação social. Nessa linha, Azambuja (2012, p. 250) afirma o “importante papel cultural, econômico e político que joga o futebol em nossa atualidade”. E acrescenta:

A importância decisiva do futebol na sociedade atual talvez seja principalmente cultural, civilizacional. O futebol é uma poderosa forma de inclusão e ascensão social, de integração e sociabilização. Neste sentido o futebol seria um dos esportes típicos da pós-modernidade, cuja estratégia de vida consiste no respeito à diversidade das formas de vida e jogos de linguagem (AZAMBUJA, 2012, p. 254).

Frente ao exposto, a questão que emerge é: Como o esporte bretão pode ser alvo de tantas manifestações no país do futebol?

Para pensar essa interrogação, é necessário entender o outro lado do futebol, o futebol globalizado, o futebol capitalista. Chamamos de futebol global, esse futebol mundial que é regido pela Fifa, a maior entidade futebolística do planeta. O futebol global transcende o ideário de paixão nacional, de manifestação cultural, para adentrar no mundo da produção de bens de consumo, tornando-se, assim, mais um produto muito lucrativo do mundo capitalista. Esse futebol faz parte daquilo que Benjamim Barber chamou de McMundo, e que ele define como sendo “[...] “a economia do lucro sem sangue nas veias”, na qual apenas os interesses das pessoas como consumidores privados eram tratados abertamente, ao passo que suas preocupações como cidadãos, como parte do bem público, eram postas de lado” (BARBER, 1995, apud HARGREAVES, 2003, p. 61).

É isso que a Fifa, em concordância com os governos em suas três esferas, fez na Copa das Confederações e vai fazer na Copa do Mundo. O evento é para todos, porém somente quem pode pagar os altos preços dos ingressos poderá assistir aos jogos, ficando, assim, excluída grande maioria da população brasileira. O “país do futebol” espera uma Copa do Mundo há 64 anos e, quando esse feito está prestes a acontecer, sua população, que tanto aguardou por esse momento, é excluída. Os interesses financeiros falam mais alto que a ética e a moral.

Outra possibilidade de entender os motivos das manifestações contra o futebol, no país do futebol, é refletir sobre o que diz Stuart Hall (2006), no que tange à influência da globalização sobre a identidade cultural. Ele analisa três possíveis consequências, mas, para fins deste estudo, mencionaremos somente seu entendimento de que “as identidades nacionais estão desintegrando, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do ‘pós-moderno global’” (HALL, 2006, p. 69). Para ele, com a globalização, todos os povos entraram em contato com diversas culturas, o que pode levar uma população a aderir a outras culturas e ter, como consequência, a perda de uma parcela da identidade nacional. Disso, pode-se

aventar a possibilidade de que o brasileiro não está mais tão interessado no futebol como antes.

Essa temática é inesgotável e sempre haverá os dois lados: uma corrente confirmando a importância do futebol em nossas vidas e outra reafirmando que o futebol é o “ópio do povo”. Para tematizar essa ambiguidade, façamos uso das palavras de Da Matta (2006, p. 16), para quem “o futebol é justamente a tentativa de preencher o vazio entre o que todos sabem ser importante, mas não sabem bem o porquê”.

Algumas reflexões finais

As manifestações que começaram por causa do aumento de tarifas dos transportes coletivos em São Paulo se espalharam rapidamente para todo o Brasil e até mesmo para o mundo, tanto no apoio quanto na repercussão, graças ao auxílio da tecnologia e do mundo globalizado. Expandiram-se os atos públicos e também seus objetivos. Várias questões passaram a ser objeto dos protestos, como a educação, a saúde, a corrupção nos setores públicos e a Copa das Confederações e a do Mundo.

Em relação ao foco do presente artigo, algumas indagações se fazem presentes: por que o “país do futebol” foi alvo de tantos protestos contra o futebol? Teria esse esporte, que transcendeu os fatores biológicos que envolvem qualquer atividade esportiva, adentrado o campo social e a discussão do que é justo e legal? Somos uma “pátria em chuteiras”? Nosso futebol é uma grande manifestação cultural e tem para a sociedade brasileira representação social, econômica e política? Ou será que estamos mais para o futebol global, aquele que significa um produto capitalista, o futebol do McMundo, cujo objetivo é o lucro? Compartilhamos com um futebol que é capaz de desapropriar pessoas, que não tem pudor de excluir a população local de sua maior paixão, que não liga para a corrupção, desde que se obtenha sucesso em seus eventos? Ou, ainda, o “país do futebol” está perdendo sua identidade cultural?

Não temos resposta para essas indagações e é possível que todas as questões subjacentes a elas estejam presentes no imaginário de nossa população, inclusive nas manifestações. E como diz Roberto Da Matta (2006, p.73) “a bola corre mais do que os homens”, portanto, temos muito o que refletir sobre o significado do conjunto dessas manifestações, em especial das relativas aos eventos esportivos.

Palavras-chave: Futebol. Manifestação popular. Identidade cultural.

Referências

DA MATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens**: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

HARGREAVES, Andy. **O ensino na sociedade do conhecimento**: educação na era da insegurança. Porto Alegre: Artmed, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HELAL, Ronaldo. **O que é Sociologia do Esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

KFOURI, Juca. Manifesto dos atletas pela cidadania é um soco nas autoridades. Disponível em: <www.atletas.org.br>. Acesso em: 17 jul. 2013.

_____. **Por que não desisto**: futebol, dinheiro e política. Barueri: Disal, 2009.

MURAD, Maurício. **Todo esse lance que rola**: uma história de namoro e futebol. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

SAFATLE, Vladimir. **A esquerda que não teme dizer seu nome**. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

ROHDEN, Luiz; AZEVEDO, Marco Antonio; AZAMBUJA, Celso Cândido de. **Filosofia e futebol**: troca de passes. Porto Alegre: Sulina, 2012.

Igor Moreira Dias Pereira

Rua Cônego Tobias, 98 – Alto do Tabaú, Pindamonhangaba/SP